Número 331 Guimarães, 19 de Julho de 1931 Ano 7.º (3.ª fase)

A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Editor: ALCINDO DIAS PEREIRA

Propriedade da Emprêsa de A VELHA GUARDA

Director: VITORINO SIMÕES LOPES SAMPAIO

Redacção e Administração: Rua 31 de Janeiro, 165—Composto e impresso na Tipografia Minerva Vimaranense: Rua 31 de Janeiro, 133—GUIMARÃES

Os modernos Movimentos Operários

Sua coesão e sua uniformidade

Um dos aspectos particularmente curiosos da vida portuguesa é aquele que se refere ao movimento do operariado. Se, realmente, êle se encontra desfalcado, não só sob o ponto de vista técnico (deficientissima preparação nas diferentes especialidades), como também sob o ponto de vista instrutivo, êle encontra-se agarrado a uma tradição que o domina e o subjuga, criando-lhe situações verdadeiramente aflitivas. A tradição, ou melhor, o uso e costume, é a sua dependência, que nós já não queremos considerar como conseqüência funesta de ordem espiritual, mas a sua dependência de ordem politica que o faz abdicar de todos os seus direitos e privilégios. Na generalidade—e sobretudo nas regiões manufactureiras da provincia—o operariado português, que devia ser uma fôrça politicamente organizada e encaminhada no sentido das suas mais justas e legítimas reivindicações, não passa, *inferiormente*, de uma massa anónima e acéfala que faz as *chapeladas* eleiçoeiras do patrão—muitas vezes individualidades francamente destituidas de critério intelectual e muito menos atiladas em transcendentes negócios de Estado, que não sejam aquêles que estão subordinados particularmente a interesses aglomerados ou satisfação de indecorosas vaidades.

O problema, visto na verdade um pouco a sangue frio, estatelar-se-ia sem solução como qualquer caso indeterminativo, se nós não lhe conhecessemos o seu êrro fundamental. O operário não tem independência politica e—curioso paradoxo!—enquanto envereda por vezes nas fileiras reaccionárias que vai engrossar, afasta-se tràgicamente da mínima probabilidade de satisfação dos seus interesses de classe porque contribui, de uma maneira acentuada, para uma lenta e demorada gestação das fórmulas políticas que mais se aproximam e melhor resolvem o seu problema internó.

Ele vai, portanto, ficando sempre à margem, ao mesmo tempo que, na conquista das liberdades públicas e legítimos privilégios, a que tem direito, quási nega a sua própria existência. Torna-se por assim dizer num caso de feudalismo, visto por outra face, já não só dando o precioso trabalho como agente mecânico, mas abdicando de todo o seu espírito, de tôda a sua sensibilidade, reduzindo-se, portanto, a um indivíduo que as Democracias, porém, na sua ideologia, não previram nunca porque lhe deram fôrça de liberdade suficiente e iluminação espiritual razoàvelmente elementar para que êle, pela sua própria cabeça, saiba escolher o caminho que a razão lhe indique.

A sua dependência, porém, existe, flagrante e contraditória e ela é o resultado de um defeito de organização latente que, no

(Continua na 2.ª página).

A CAMINHO DAS REALIDADES FORTES

A necessidade politica da Nação vai satisfazer-se, numa hora psicológicamente oportuna. Depois das palavras, os actos, rigidos de serenidade e disciplina. As sensibilidades, em verdadeiro estado de vida latente, reanimam-se, tomando aspectos novos a vida social do País.

Quer dizer que à fase da *intervenção*, uma outra, de decisiva realidade se define. Dentro de qualquer critério ou hipótese mesmo tomada apenas como ponto de partida para conclusão de determinados parágrafos que os momentos da vida dos povos enunciam, a última manifestação, embora ainda no *prelo*, atinge foros de plena satisfação a tôdas as consciências e inteligências. E' também uma atitude de coragem, que pode revestir-se de uma fôrça moral incontestàvelmente interessante.

Estamos, portanto, em frente de uma alta concepção, à qual todo o vigor, tôda a sensibilidade e inteligência cada qual, em ordem e lealdade, deve dar como afirmação individual e colectiva.

Conhecer-se-há—se a orgânica tiver a sua legitimidade correspondente—a atitude do País, ao mesmo tempo que se integram, invioláveis, todos os princípios elementares.

Somos, portanto, capazes de afirmar que essa necessidade política da Nação, prevista pelo Govêrno actual, coloca-o numa posição em que ganhará, com vantagens, responsabilidades de carácter particular.

Uma manifestação, coerente e exacta, da Nação inteira, não tem valor de *grupo*, o que nos leva a concluír que não implica nem afecta determinado verbalismo, de definição unilateral. Logo, é possível salvaguardar ideologias concebidas, de estrutura especial, e atitudes tomadas em função de certo realce.

O que pode avisinhar-se do nosso espirito, nesta hora realmente interessante, é a ideia de uma luta que pode resultar estéril ou contraproducente. Há lealíssima vontade de afirmar uma posição e uma doutrina. A forma de o fazer é que deve ser sempre ampla e insofismàvelmente livre. A Nação quere para si as suas legítimas, inteiras e próprias responsabilidades? Escondemos a resposta. Não é mesmo a nós, embora legitimamente, que ela pertence.

Saibamos todos nós, dentro de tamanho significado, fazer viver tôda a massa republicana do País, afirmando-nos na legalíssima ordem que a nós próprios convém. O espírito republicano da época não transige, é certo, mas não basta só não transigir, é condição elementar e garantia afoita torná-lo sempre—e sobretudo em determinadas horas—símbolo de uma grande massa profundamente organizada como função técnica, consciente como afirmação alta, obediente como necessidade de um único sentido, e prudente, sem ilusões e miragens sedutoras, como sentimento de defesa, de luta e conquista da sua própria racionalidade, sob todos os pontos de vista.

Não é possível atingir finalidades, sem movimento harmónico, combinado e útil.

Não é possível garantir a eficácia de um sistema qualquer, se houver transigências absurdas ou desvios que negam coisas preliminares. E as ideias democráticas são aquelas que mais exigem do homem, já que lhe oferecem liberdade espiritual grande, uma serena concepção dos acontecimentos.

Em face, portanto, duma realidade que se aproxima, um pensamento, único e forte, deve tocar de emoção e de coragem a sensibilidade republicana do País: é aquele que está para além de todos os limites e que, cada um, na sua profunda fé e no seu delicado sentimento politico fàcilmente compreende e adivinha.

Não esqueçamos que as responsabilidades são grandes e que o dia de Amanhã exige novas e decisivas lutas, novos e racionais processos. Não esqueçamos que a vida política moderna criou modalidades diferentes e que, em presença de tão complexos, urgentes e graves problemas, o homem tem de fazer um esfôrço novo e proporcional. E' um problema politico, é uma necessidade politica, mas é um problema económico e de fomento que a Nação republicana, e tôda inteira, enfrenta com coragem e com inteligência. As realidades surgem—as realidades impõem-se, de resto.

Todavia, como sentimento democrático, tal qual como sentimento de oportunidade, todos devemos esclarecer-nos o melhor possível, quer revigorando as nossas doutrinas, quer sabendo-as defender e integrar relativamente ao *acto* enunciado e que marca, pelo menos já em princípio, o caminho para uma realidade forte e cheia de dignidade.

Naturalmente que a Nação espera a satisfação de tão solene e formidável cumpromisso, agradando—evidentemente—ao espírito de tôda a gente a ideia de que tal acto, pleno de totalidade política, não é, em suma, uma lírica manifestação romântica.

ALFEU DE CASTRO.

O PASSADO! O PASSADO!

E' apenas uma coisa morta

O argumento é frágil como o algodão em rama das nuvens alvacentas. Basta uma rajada para esfarrapar o pesadêlo. Mesmo para os "dúbios„ não passa essa avantesma duma hipótese. E as hipóteses estão deslocadas das realidades momentosas que vêm condensando o nervosismo da nossa vida pública.

O passado morreu!—estamos exaustos de repeti-lo tanto. Morreu para jàmais ressuscitar.

Uma parcela mínima da nossa raça busca o ensejo—aliás inglório—de electrisar a opinião dos cidadãos com o fantasma do passado.

Mas... que timidez é essa?! Há tantos meses, há tantos anos que se vem dissipando energias com essa coisa simplesmente irrisória que... morreu! O passado só conviria aos que mal intencionadamente nos combatem... só aos que fingem descobrir mazelas *no tão falado chinfrim* em que medraram sem um arrôto de consciência. Mas—esta maldita conjunção é às vezes desabrida—soceguem os timoratos. Porque o passado morreu. E' a alma republicana que o afirma, o assegura, o formula no seu irrevogável programa de reconstituïção.

Quem há aí que ouse duvidar da boa fé dos cidadãos ilustres que acaudilham as doutrinas da A. R.-S.?!—Nada de futilidades, de mesquinhos prognósticos.

A dúvida sequer tem uma só tradução na sensibilidade portuguesa: audácia, muita audácia.

Que tôda a gente—desde o arroteador dos campos ao burocrata—sabe o que se pretende.

Sabe que o futuro da Pátria... será uma República mais e mais dignificada do que *a outra que morreu*. Do passado, apenas o que houve de bom. O resto é cantilena que nos atordoa sem razão de ser. O resto é a bagagem com que se tenta demarcar posições empíricas, aéreas, lunáticas. O passado morreu. Saibam-no todos. Ninguém deseja o passado... o passado que tão duras provas nos fez experimentar. O passado é apenas uma coisa morta. Duas pasadas de terra sôbre a tumba.

Requiem...—*H. Belém.*

Cidadãos

A «A. R. S.» não foi um capricho dos homens. Foi, antes de tudo, a necessidade cívica dum momento histórico.

Os Modernos Movimentos Operários

(Continuação da 1.ª página)

nosso Paiz, não atingiu ainda uma realidade suprema, como acontece no estrangeiro. Ora a falta de organização operária é o êrro fundamental da sua vida de classe, obrigando-o a viver numa subalternia profundamente magoadora.

Ele há-de satisfazer — o encravado operário português — todos os caprichos ou vaidades do *patrão* — ou vai para o ôlho da rua. Ele há-de, portanto, tenteando uma vida artificial, lutar, marchar em oposição ao seu verdadeiro sentido político, fazendo a vontade do seu senhor. Nem independência económica, nem independência espiritual. Autómato, agrilhoado ao duro destino dos mandos incomensuráveis!...

A razão é fácil encontrar-se, se pensarmos um pouco. Evidentemente que o operário português, na sua generalidade, tem as suas deficiências e quando se trata de carácter político, elas agravam-se simplesmente porque faltam elementos.

Mas, contudo, à maneira do que se passa lá por fora, é possível conseguir alguma coisa de real e eloqüente se fôrmos metódicos, persistentes e oportunistas. A organização do operariado português, como fôrça política inabalável e concreta, prestando serviços ao Paiz e sabendo ordenar com inteligência e desciplina os seus direitos, tem que fazer-se, tornando ao mesmo tempo bem evidente e claro o triunfo do sentido político que mais lhe diz respeito. Essa dependência insulta e amesquinha e quanto maior ela fôr mais se compromete a situação económica do operariado que, pela pressão do espírito, está sempre rodeado de perigos eminentes.

Se no seio do operariado português, mormente por essas regiões da província onde abundam fábricas em relativo número, indivíduos de arreigada fé e com uma noção exacta das circunstâncias se dessem ao glorioso trabalho de fazer compreender que *unidos* — fortes, portanto — conseguiriam fazer prevalecer a sua vontade livre e ampla, quer dentro duma urna, quer num comício de propaganda, mesmo que êsses não pudessem assumir grandes responsabilidades de govêrno especializado, por virtude de falta de preparação, êles teriam, contudo, contribuído de uma maneira eficaz e pronta para libertar o operário português de um verdadeiro e demoníaco pesadêlo. Reunidos depois numa fôrça definida, integrados num perfeito organismo, com clausulas a respeitar e métodos de correcção e regularização para tôdas as injustiças e atropêlos, fácil se tornaria dar realidade a um pensamento que é novo e que é grande — longínquo sem dúvida dos tempos do *servo de gleba*, do trabalhador sem condição ou do operário empurrado ou violentado até à urna onde êle dá a vitória aos maiorais sebáceos e afortunados. Positivamente que nós nada mais queremos que colocar no seu devido pé tudo aquilo que se liga a casos de estranheza confrangedora porque, paralelamente, há muitos ainda por êsse mundo fora que, por consciência própria, sentimento de liberdade que respeitam nos outros e adesão até às verdadeiras e novas concepções políticas, não fazem essa pressão, no espírito do seu operariado — mas bem pelo contrário. Tomado, portanto, em consideração um dos aspectos, realmente desconcertante, da vida portuguêsa, nada melhor será que olhá-lo agora na sua profunda realidade — resolvendo-o.

Nada melhor para isso que certas *realidades* — acto de emancipação do espírito, liberto de miragens enganosas, afirmação criteriosa duma consciência que vive, para que, depois, já pela sua própria fôrça demonstrada, o moderno movimento operário seja um facto eloqüente, que, rico de coesão e uniformidade, dê ao Paiz aqueles horizontes que a República, um dia, bem vitoriosa, enunciou, com sangue e com fé.

A mulher e a República

E' a primeira vez que algumas mulheres portuguesas, vão junto das urnas — no próximo acto eleitoral — em defesa dum ideal.

Este facto, que muito pode influír na vida política da Nação, deve ser criteriosamente ponderado pela mulher eleitora.

E' necessário que as mulheres de Portugal tenham Fé nos destinos da República, regime de ampla Liberdade e de incontestável Progresso.

E' necessário que as mulheres de Portugal afastem de si a preocupação do regresso ao passado;

E' necessário que as mulheres de Portugal dêem ao mundo inteiro uma proficua lição de civismo, entrando na luta activa em prol da Democracia;

E' necessário que as mulheres de Portugal repilam com energia as insídias dos inimigos da República;

E' necessário, enfim, que as mulheres de Portugal lutem, sem tibiezas e sem receios de comprometerem os seus credos religiosos, pelo ideal republicano.

A mulher deve amar e defender a República, tanto quanto lhe seja possível, nem mesmo se compreenderá de modo diferente o papel político da mulher portuguesa.

A mulher deve integrar-se nos princípios republicanos, porque nenhum inconveniente — mas absolutamente nenhum — resulta para a consciência da mulher católica, da interferência que esta venha a ter no prestígio da República.

Os que confundem religião com República, ou são imbecís ou mal intencionados, porque tôda a gente sabe — e nós já o dissemos aqui — que a crença religiosa não é incompatível com o ideal republicano, como, aliás, está demonstrado pela natureza das instruções que o chefe superior da Igreja tem dado aos seus subordinados. Por isso, a mulher católica pode ser republicana, pode ser democrata.

(Grigri).

Este número foi visado pela comissão de censura

Mais uma vez

Temos apelado, mais que uma vez, para o Comandante do Posto Policial, afim de que se oponha um dique salutar aos actos de selvageria infantil que vêm sendo cometidos nos jardins públicos. Agora ocorre o mesmo abuso no jardim do Largo do Trovador... onde se cortam flores sem respeito algum, e onde passeiam galinhas e frangos com uma sencerimonia pouca agradável.

Se a Polícia não dorme, que vigie mais atentamente...

Dia a dia...

De passagem — De passagem para Fafe, onde fôram assistir à inauguração do monumento aos mortos da Grande Guerra, estiveram nesta cidade os Senhores Ministros da Guerra e do Interior, que, depois de receberem os cumprimentos dos membros da União Nacional e de alguns republicanos, visitaram o Museu da Sociedade Martins Sarmento e o Castelo, seguindo depois para Fafe.

*

Exames — Terminaram os exames do Liceu, continuam os da Escola Industrial e Comercial e principiaram os de Instrução Primária — 2.º grau — que se realizam na Escola Central, desta cidade.

*

Largo de S. Francisco — Uma vez que ninguém pensa mais no ajardinamento do Largo de S. Francisco — conseqüência da atitude da nossa edilidade — lembramos a esta Entidade a necessidade de mandar lá cortar o *pasto*.

*

Corêto do Jardim — Chamamos a atenção da Edilidade vimaranense para o estado em que se encontra o corêto do jardim. Até as *costelas* lhe partiram!! Como os tempos mudam!

*

O preço da chávena de café — Sem prejuízo da muita consideração que nos merecem os proprietários do Café Oriental, desta cidade, lembramos que já é tempo de passar a estar *fora de moda* dar 60 centavos por uma chávena de café. Esperamos, pois, que a nossa lembrança seja tomada na devida consideração.

*

Um donativo — Dizem-nos que a nossa Edilidade contribui com dôze mil escudos para a celebração das *Bôdas de prata* das Festas Gualterianas. Atendendo aos espíritos de economia que constituem a referida Edilidade, somos obrigados a fazer-lhe a justiça devida. Na impossibilidade de ser mais, já foi alguma coisa digna da nossa atenção.

Notícias pessoais

Do Vidago, onde fizeram o seu habitual tratamento de águas, regressaram a esta cidade os nossos estimados amigos e respeitáveis vimaranenses, srs. Albano de Sousa Guise e João Teixeira de Aguiar.

— Regressou do Gerez o sr. Avelino Faria Guimarães.

— Felizmente, se vão acentuando as melhoras de saúde do nosso querido amigo e prestimoso correligionário, sr. Porfirio Mendes Ribeiro, que já ha bastante tempo guardava o leito.

— Encontra-se melhor o nosso amigo sr. Domingos Leite Correia Azenha.

— Esteve nesta cidade, acompanhado de suas gentis filhinhas, o nosso bom amigo e prestante correligionário, sr. Capitão Henrique de Sousa Guerra, brioso oficial do Exército, actualmente residente em Braga.

— Guarda o leito, ha uns dias, um pouco incomodado de saúde, o nosso presado amigo e indefectível republicano sr. Mário Pinto Leite, considerado industrial vimaranense.

— Partiu para Santarem, aonde ha anos se dedica à vida comercial, o nosso correligionário, amigo e conterrânio, sr. Antonio Augusto Guimarães.

Que seja feliz e tenha muitas prosperidades, são os nossos maiores desejos.

A mulher Portuguesa

Fortuitamente nos chegou às mãos aquele artigo de Carlos Bana que, sob esta mesma epígrafe, se ressente de larga e salutar doutrina femenil. Lembramo-nos então de que "A Velha Guarda„ se tem, de há longo tempo, devotado a essa causa santa. Reeditar, de hora em quando, tal doutrina, é um dever de tôda a imprensa liberal. Esta coisa de feminismo não é — positivamente — letra morta no alfabeto das reivindicações sociais. Envolve, muito ao vivo, um panorama vasto de ideias gigantescas. E' a garantia mais firme das Democracias no dia em que possamos arrancar a mulher à escravidão dos fanatismos religiosos e encaminhá-la nos sãos princípios da *virtude civica*. Essa tarefa é árdua, é fatigante. Mas, movidos de uma vontade férrea, há que realizá-la sem delongas em prol da "Verdade-Social, que é já um axioma para o mundo inteiro. Sôbre isto não pode haver sequer duas opiniões entre indivíduos de raciocínio equilibrado.

A mulher, como se há dito muitas vezes nêste jornal, tem, em face do homem, as mesmíssimas faculdades utilitárias. Logo, seria cruel negar-lhe o sagrado direito de triunfar na vida. Há, a propósito desta afirmativa, uma cadeia interminável de "prós„ e "contras„. Todavia, o que ressalta "in-continente„ aos olhos menos iludidos por ideias peregrinas, é que o homem não está em época de efectuar o monopólio de tudo o que existe a-dentro do planeta. A dar-se semelhante anomalia, seriamos cúmplices na perpetuidade da escravatura. Que a símples ideia do facto nos rememora o despótico ambiente que o gerou. E essa injustiça, que ainda quere exibir-se monstruosamente, vem sendo exprobrada às gerações.

. . . . . .

A mulher portuguesa estava ainda há pouco, atrasada meio século, em relação às muitas das suas *congéneres* de além-mundo... salvas as honrosas excepções. Agora, porém, nota-se-lhe um certo interêsse pelas coisas públicas, o que nos leva a augurar um futuro melhor às Democracias. Ninguém tem o direito de duvidar do valor dêste elemento que — numa única geração — pode transformar a sociedade. Ora, o momento de aproveitar a mulher em Portugal é chegado. Além de ter abertos quási todos os ramos do funcionalismo público, ela já disfruta outras regalias, como o direito de votar, etc.

E' um direito ainda restricto.

Porém, faz-lhe imensas promessas o futuro. Deve a mulher portuguesa pensar no que lhe há dado a Democracia, que fêz leis como as do divórcio e da família em que ela significa, de facto, uma personalidade. Deve a mulher portuguesa afastar-se dos que subrepticiamente, à sorrelfa, tateiam os mais absurdos meios de oprimi-la. Nesta hora de verdade, é ao coração da mu-

(Continua na 3.ª página).

O mundo anda... e as sociedades evoluem

(Retardado na Redacção)

Ilude-se o que augura — mesmo durante o revérbero instantâneo do relâmpago — um minuto de estacionamento na marcha veloz, inevitável, constante, dos acontecimentos. Nada pode conter o impulso dos sentimentos novos.

As necessidades crescem e as ideias fulguram e urge adaptar o mundo às necessidades e difundir as ideias no cadinho das experiências práticas. Contra a *carrancice* inarrastável de certos *conserveiros*, levantam-se eloqüentes as gerações modernas — corações recaldeados em novas concepções, almas educadas no dever da humanidade — exibindo uma mentalidade com menos laivos de velharias... propícia à transigência do *hoje* insuportável com o *àmanhã* desejado. Está mesmo à mão de semear o estigmatizarmo-nos nestas humildes colunas o feitio sobremodo avoengo dos integralistas luzitanos, tão anchos de néscia vaidade... e transbordando instintos afonsinos por gestos e palavras. Não os chama à realidade das coisas, ao fulcro sôbre que giram as verdades mais imutáveis, o desenrolar sucessivo dos factos. Conduzem — à fôrça de remos e energias imbecis — um barco contra o curso das vagas... um barco que será desconjuntado muito antes de atingir o alvo.

Ainda há poucos dias lemos, pela pena vibrante de Ribeiro de Carvalho, duas notas alarmantes sôbre a Rússia militarista ...a Rússia que, num ápice, pode mobilizar sete milhões de soldados, etc., etc.

Conquanto não signifique à primeira vista um perigo eminente, o certo é que o mundo de hoje precisa de pactuar com as classes que produzem — para evitar o choque, possìvelmente sangrento, dos que exigem pão e liberdade.

O mundo não volta para trás.

Não vai para D. Urraca nem Sancho Pança. Vai para a frente, caminha sempre... à procura de perfeição. Mas os integralistas — que rehabilitaram as *virtudes* da devassa da Quinta de Ramalhão — imaginam-no parado e, movidas de tolas pretensões, intentam empreender a viagem ao passado, hirto de revelho... e encanecido pelos tempos.

Doentes!

Esquecem levianamente que o mundo não pára. Isto é palpável.

Ai dos povos que um momento deixem de marchar a mesma marcha. Num relance, quási inesperadamente recobram o tempo perdido. E há mais violência, mais sangue, mais revinditas... há, em suma, um todo de coisas tristes que só depõe contra a civilização dos homens. Basta a leitura dos jornais, a insistência de estranhos factos, para reconhecer que as sociedades de hoje tem de transigir com as de àmanhã. Só não vê quem é cego. E os integralistas vêm pouco... que até usam lunetas ou simplesmente um óculo.

Nós defendemos a Democracia, estamos dentro da lógica. Porque a Democracia é — com todos os seus defeitos — o único estado político capaz de enfrentar e resolver os problemas sociais.

Leão Pires.

Lêde e propagai a "A Velha Guarda„

Ludovina Frias de Matos

Esta mimosa poetisa, que todos os leitores conhecem pelas suas obras, de funda sensibilidade, vai emprestar a êste jornal um nadinha do seu prestígio literário com a sua apetecida colaboração.

Agradecidos.

Tribuna do funcionalismo

A partir do dia 1 do corrente mês, entrou novamente em vigor o disposto no artigo 1.º do Decreto n.º 15.466, de 14 de Maio de 1928, referente ao imposto de salvação pública, que incide sôbre os vencimentos e salários de todo o funcionalismo. Para conhecimento dos interessados e para evitar surprêsas que possam afectar o orçamento doméstico de cada um, damos, a seguir, a nota da taxa do referido desconto:

Taxa de 2 °|o, até 1.000$00 mensais;

Taxa de 3 °|o, de 1.000$01 a 2.000$00;

Taxa de 4 °|o, 2.000$01 a 3.000$00;

Taxa de 5 °|o, de 3.000$01 a 4.000$00;

Taxa de 6 °|o, superior a 4.000$01.

—Vencimentos melhorados em virtude do diploma posterior a 1 de Novembro de 1925:

Taxa de 4 °|o, os vencimentos do pessoal da Direcção Geral dos Caminhos de Ferro, com exclusão dos Engenheiros;

Taxa de 7 °|o, os vencimentos e prés da fôrça armada de terra e mar;

Taxa de 8 °|o, os vencimentos do professorado e dos Engenheiros dos corpos de Engenharia civil, Engenharia industrial e Engenharia de minas, os serviços geológicos da Direcção Geral dos Caminhos de Ferro e da comissão liquidatária dos mesmos.

Taxa de 10 °|o, as gratificações ou abonos fixos pelo exercício de funções especiais, pela acumulação de cargos publicos, pelas regências extraordinárias em qualquer estabelecimento de ensino, etc. etc.

*

E', realmente, mais um sacrifício, mas em compensação o Orçamento Geral do Estado, respeitante ao ano Económico de 1931-1932, fecha com um saldo positivo de 1.900 contos.

António Sarmento e Castro

Encontra-se entre nós, bem como sua Ex.ma Esposa, Sr.ª D. Amélia Jordão, êste nosso querido amigo e precioso correligionário, que reüne às suas qualidades de cultura superior um pulso firme de jornalista.

O sr. António Sarmento, que vem de formar-se em Engenharia Electro-técnica e Mecânica nas mais afamadas Universidades do estrangeiro, faz em Guimarães umas férias de alguns mêses.

A mulher portuguesa

(Conclusão)

lher portuguesa que ousamos falar. Por gratidão, por coerência, por justiça, por princípios, por humanidade, o seu lugar é junto da Democracia para servi-la como aliada em todos os transes.

As eleições hão-de mostrar que a mulher consciente está do nosso lado. Que bebe sôfregamente os princípios democráticos. Que reclama a Aliança Republicana Socialista no momento em que deve decidir-se, nas urnas, a vitória da opinião pública. E' que a mulher portuguesa vai-se emancipando lentamente...

Ferve-lhe nas veias o sangue genuino, rubro, quente, português.

X. X. X.

A CAMINHO DAS ELEIÇÕES

«Nem com eleições, nem sem eleições entregaremos o govêrno aos inimigos» — palavras do sr. ministro do Interior a quando da sua recente visita à visinha vila de Fafe.

Tudo é subjectivo neste mundo; depende mesmo — em linguagem geométrica — da posição do observador...

O «Pica-pau»

Tôda a gente — ou quási tôda — desta cidade o conhece pela sua originalidade e pela sua desdita!...

Enfezado, raquítico, coberto de nauseantes trapos, olhar triste e apagado, arrasta-se penosamente por essas ruas em cruciante peregrinação, pedindo a êste e àquele, na sua voz quási imperceptível, *meio tostãosinho* para mitigar a fome que, teimosamente, o persegue.

Segundo me dizem, êste infeliz, é oriundo de Cabeceiras de Basto.

Chamam-lhe o **«Pica-pau»**!

Aplidaram-no assim, porque êle, nos primeiros tempos em que veio para Guimarães, exibia uma habilidade que aprendera na sua terra e que foi durante tempos o seu *ganha-pão*.

Hoje não o faz porque a voz agoniza-lhe na garganta retalhada por horrorosas escrófulas.

Há anos já que êste desgraçado arrasta a sua miséria entre nós, e até hoje ainda não apareceu ninguém que se condoesse da sua triste sorte e o albergasse numa casa de caridade.

De tôdas as vezes que com êle deparo, ou que dêle me recordo, pelo meu ser perpassa um frémito de revolta e de comiseração: — de revolta pelos falsos sentimentos de bondade que para aí tão espalhafatosamente se apregoam, e de comiseração pela desgraça dêsse infeliz de quem um terrível mal fêz um pária imundo e irresponsável!

Mas, na verdade, não será possível amparar êsse desgraçado, internando-o em qualquer casa de benemerência?

Não haverá por aí um coração generoso que se condôa do infeliz **«Pica-pau»**?

Não haverá forma de libertar-se a cidade de tão triste exibição?

Estamos na época do ano em que Guimarães é muito visitada, e êste espectáculo, e outros, e muitos outros que para aí abundam, envergonham a terra que os consente.

Apareça pois alguém de boa vontade que se resolva a interná-lo, e aquele que o fizer, ficará com a certeza de ter praticado, sob todos os pontos de vista, uma boa acção.

J. Gualberto de Freitas.

Hom'essa!

O Sr. Dr. João Rocha — que, (como o demonstrou Ricardo de S. Gil) por uma curiosa sequência de ideias, vem a ser *nosso correligionário* de ha poucos dias — disse em Braga, na presença do sr. Lopes Mateus, que a ***União Nacional, não é um partido.***

Se nos dá licença, não é essa a opinião do Sr. Ministro do Interior, que afirmou até sêr ***a dita União Nacional, um partido republicano.***

O Sr. Dr. João Rocha quere à fôrça que a União Nacional seja um mistério para nós: ***partido*** e ***não partido***...

Confessamos: é uma charada a que não sabemos dar saída. Se o Sr. Dr. João Rocha nos elucidasse!

Fazendo um pouco de história

Doutrinas sociais — Subsídios para as origens do comunismo — A China no século XI — Então como hoje — A falência do absolutismo — Apologia das Democracias.

Esfalfam-se os velhos curandeiros a apregoar tolamente a maravilha de mèsinhas parvas como terapeutico da insatisfação humana. Loucura!

A humanidade ressente-se da orgia que paira impunemente sôbre a miséria que a atormenta. Há verdades que urge calar bem fundo. Mas a ilusão — que adormenta os povos na sua casta ingenuidade — é sobremodo isubsistente em face do século que passa. Nada mais saloio do que o pretender-se impôr a virtude daquilo que sabemos trespassado pelo vício. A mentira evidencia-se através da gase que vem servindo panaceia envolvente.

E é deste estado fervente de coisas que nascem as ideologias... das opressões que surgem os gritos de liberdade... das anomalias e arbitrariedades que brotam âncias de justiça. O século XX marcha incandescentemente por caminhos demasiado escabrosos. E se atentamente olharmos, «ab-initio», as causas mais mesquinhas, o fermento do mau piso, havemos de inferir: é inviável a tentativa reconstrutiva das velhas sociedades, abolidas ou proscritas pelo voto clamoroso, unânime, dos povos que despertam. Torcer esta vontade é (só o ignora quem quere!) lançar combustível ao fogo que ameaça consumir tudo e todos. Sejamos coerentes em presença dos factos ou, pelo menos, um tanto inteligentes para ler o fundo da questão social. Anda meio mundo em sobressalto ante a ameaça comunista... a irrisão dos scéticos. Em verdade, o comunismo é um ideal quási inacto entre os povos mais desorganizados econòmicamente. Na história do mundo há páginas bem claras sôbre a chama, ainda indecisa e bruxoleante, que havia de aquecer ao rubro muitos corações humanos... corações que latejavam fundo a dentro da couraça rija de peitos oprimidos. O desespêro tem explosões medonhas, vulcânicas, e... a verve irrompe caudalosa das bôcas famintas. Não nos é difícil encontrar em cada «farrapilha» um orador improvisado. E' que a miséria tem destas eloqüências; por gestos ou palavras tem convulsionado o mundo de hoje, de hontem e de sempre. O movimento emancipador de 89 teve chispas de característico comunismo. Mas, já na França absoluta, moderna e medieval, existia latente a ameaça dos mendigos, cuja morada infundia terror aos próprios reis. E na Roma poderosa houve um Spartacus que fez a revolução dos escravos... contra o poderio dos grandes, dos potentados. E' que os míseros sentiam-se muito sós, sem uma única lei que os protegesse, que lhes abrisse um horizonte mais amplo que o que a estupidez coetânea se dignava conceder-lhes. Daí o desespêro em lepra assoladora e revolta. E a indignação humana foi-se avolumando, através dos séculos, determinando as suas proporções formidáveis, solenes, catastróficas, até que — ao encontro dessa justa aspiração dos povos — veio um ideal generoso, conciliador: a Democracia que — pelo seu dinamismo intrínseco — pode aproximar as classes, sem choques violentos, e amortecer o dilúvio de iras temerosas e estancar as núvens prenhes de cólera secular.

Aí fica para meditação dos que se encrespam contra a Liberdade das Democracias.

*

Num a-propósito, repetimos que o comunismo não é doutrina de há poucos anos. Vem de longe. Como tôdas as coisas, êle tem a sua história a dentro da própria história. São factos que todos podem constatar em inúmeros acontecimentos de maior ou menor relêvo.

Chegou mesmo a instituir-se em regime no seio do celeste império. O leitor deve saber que a China se ufanava orgulhosamente da sua civilização. Sciente disto, fechou as fronteiras ao contacto das outras civilizações. Enclausurou-se a dentro das suas muralhas com receio de que outrem lhe copiasse os costumes. E a verdade é que houve épocas em que muito superava a civilização estrangeira. Mas esta caminhou e a China permaneceu ignorada. Ainda há pouco mais de um século se desconhecia na Europa a história daquêle país. Franqueadas, porém, as suas portas, foi-lhe esta devassada por alguns curiosos. Assim é que lemos um trabalho da Mr. C. de Varigny — reaccionário intransigente — inserto na «Revue des Deux Mondes» sôbre o episódio histórico do comunismo chinês. Ao contrário do que muitos julgam, aquele império não viveu em apatia. Basta dizer que desde 420 a 1648 ou seja: entre o período que vai da conquista da Gália pelos francos até ao tratado de Westefshalia — se deram na China quinze revoluções tremendas... com guerras civis e o extermínio absoluto de doze dinastias O século foi teatro da invasão dos tártaros e presenceou a queda sucessiva de seis dinastias. A tirania dos imperadores despertou as paixões dos trezentos milhões de seres humanos. Choviam os libelos e os placards; já então se dizia: *a sociedade repousa sôbre a lei... e a lei é a injustiça e a chicana; sôbre as propriedades... e a propriedade é a injustiça e a concussão; sôbre a religião... e esta não é senão o embuste; sôbre a fôrça... e a fôrça é a tirania etc.*

Surdiu então — e já em pleno século XI — o homem que devia revolver de cima abaixo tôda a legislação chinesa: foi «Wang-ngan-Ché», envergadura de homem de estado à altura de satisfazer os descontentes. Profundo na história do seu país — que remontava a dinastia de Hia (2.207 anos antes da era cristã) — soube captar as simpatias do imperador «Chen-Tsoung», da dinastia dos «Song» que (destronada em 479) se repoltreou no trono após a queda dos Heu-Tchcuu, reinante havia quarenta anos.

A habilidade do estadista venceu», despotismo imperial e — com o consentimento do próprio soberano — pôz em prática todo o seu vasto plano social-comunista. Criou tribunais agrícolas e empossou o estado de tôdas as propriedades. Transformou a literatura, anotando os quatro livros clássicos e os cinco sagrados, compondo mesmo um dicionário em que alterava o sentido dos inúmeros caracteres da escrita daquela língua. Mas os letrados, sciosos da sua ignorância intangível, conspiraram com «Sé-ma-Kuang», primeiro ministro e conselheiro caído em desagrado, que ficou conhecido na história china pelo nome de «o poeta da ausência», em virtude de haver escrito o poemeto «Meu jardim»... que era o descritivo das belezas artificiais e naturais do seu palácio de verão. E o novo regime sossobrou porque era impraticável num tempo em que os meios de transporte eram impossíveis sem assaltos bandoleirescos.

Enfim — e para acabar com tanta chinesice — existiu ali um autêntico consunismo no século XI. A exiguidade do espaço dêste jornal não nos permite alargar a sua «mise-en-oeuvre». Mas saibamos que o que o gerou foi indiscutivelmente a miséria geral e a opressão inconcebida. «Wang-ngan-Ché» dizia: *o mais essencial dos deveres dum govêrno é o de amar o povo, procurando-lhe as vantagens da vida, que são a abundância e alegria; as torres medem-se pela sua sombra e os homens do estado pela sua cobiça etc. etc.*

Se um dia nos sobrar um pouco de vagar, alargaremos êste conto verídico. O que sobretudo se nos oferece dizer é que a violência só pode gerar a violência. E para pacificar os povos urge, além de tudo, alimentar-lhes o corpo e alma. *Aujourd! Mi, comme alors, il fant à l'homme la nouchiture du corps et celle de l'âme.*

As Democracias evidenciam-se. Porque só elas alimentam a alma.

*

Desassombrem-se todos os reaccionários. Para traz é impossível marchar. Mck sabem os que intentam fazê-lo que — em perfeito ricochete — cai sòbre êles próprios o ódio feroz e tôrvo que votam as Democracias. Estas são colossos de legalidade, construções sólidas e perfeitas, que merecem o respeito de todos... porque são de todos. As Democracias só aceitam um privilégio: o do mérito. E dá gosto ver como elas elevam à sua mais alta magistratura os que se tornam notáveis por qualidade de inteligência. Mesmo que hajam sido operários ou moços de frete. E' uma generosidade que as dignifica. Só elas podem contar a onda social. Porque elas são a própria onda que vai de mutação em mutação, dinâmicamente, provendo os povos daquilo que os torna felizes: o pão e alegria, a liberdade e a segurança.

David Braga.

Manuel Ferreira Guimarães

Ainda sobre o falecimento dêste nosso chorado amigo e saüdoso correligionário, cumpre-nos fazer — o que por um indisculpavel lapso se não fez — um breve aditamento à notícia anterior, para mais cabal conhecimento dos seus pormenores. Assim é lícito acentuar que — além da família do extinto — duas Entidades mais dirigiram convites aos Republicanos de Guimarães: Centro Republicano e Aliança Republicano-Socialista... o que motivou (como dissemos em o último número de «A Velha Guarda») uma concorrência, não só numerosa, mas distinta, de gente liberal. Todas as agremiações liberais se fizeram representar. Porisso que o Centro Republicano foi representado pelo seu distinto Presidente e nosso amigo, sr. António Ferreira de Castro. E é justo registar que esta casa teve, durante três dias, a Bandeira a meia haste em sinal de luto.

O nosso querido amigo, correligionário ilustre e Presidente da C. P. do P. R. P., Sr. Dr. Mariano da Rocha Felgueiras, teve a representá-lo o prestante cidadão e nosso também correligionário, sr. António de Jesus Teixeira.

O sr. Bernardino Jordão, membro eficaz da C. P. do P. R. P., representava esta agremiação política e — como era de esperar — recebeu a chave da urna.

«A Velha Guarda» era representada pelo seu redactor, sr. David Braga.

. . . . . .

Em a notícia do último número dêste semanário, sairam algumas gralhas nos nomes dos nossos respeitáveis correligionários que formaram os vários turnos.

Como a emenda é fácil, que todos nos relevem esta falta.

A República Espanhola

A abertura do Parlamento

Do «Diário de Notícias», recortamos com a devida vénia as seguintes passagens da reportagem do jornalista sr. Belo Redondo, as quais — no nosso entender — devem merecer a atenção de muitos portugueses:

«Começam a chegar os representantes do povo, alguns deles velhos como Sanchez Guerra, Unamuno e Santiago Alba; outros novos como Maranon e Ramon Franco, êste em pé no automóvel, apoiado a muletas, por virtude do seu recente desastre».

. . . . . .

«Dois jornalistas — José Dias Fernandez e Ramon Tenreiro — deixam a tribuna da Imprensa e vão tomar o seu lugar. No hemiciclo há um grupo curioso de intelectuais, com Unamuno, Luiz Zulueta, Ortega e Gasset, Luiz Tapia, Araquistain e Marañon. Faltam, por terem sido vencidos, Azorin e Valle Inclan.

Ramon Franco, para não se fatigar muito, devido ao seu estado, toma lugar na extrema direita. Pedro Rico, gordo, anafado, típica figura, é o último a entrar. Velhos deputados do grupo Constitucionalista, como Alba e Sanchez Guerra, tomam assento no centro. *Duas mulheres jovens e bonitas alindam o aspecto da sala, marcando uma nova época de reivindicações sociais: Vitória Kent*, de boina azul, na extrema direita, *e Clara Campoamor*, de larga cabeleira negra e ondulada, ao centro da sala. *Cinco padres com seus hábitos talares, também eleitos deputados, afirmam a tolerância desta República feita sem sangue e sem violências.*

Na extrema esquerda, Barriobero, Herran e Rodrigo Soriano recordam os velhos tempos da propaganda. São figuras que remoçam».

. . . . . .

Alcalá Zamora levanta-se para falar.

«Tôda a sala se levanta vibrante de entusiasmo, aclamando a República e a Pátria. Momento culminante de emoção, em que todos os peitos fremem de alegria e muitos olhos se marejam de lágrimas».

Vai ouvi-lo a assembleia no meio de profundo silêncio e vai ouvi-lo a Espanha toda, através do microfone que o orador tem na sua frente. Gesto largo, palavra académica, tocada de profunda comoção, recorda o espectáculo nas ruas de Madrid em 14 e 15 de Abril, dizendo que o povo, aclamando e fortalecendo a República, lhe deu a maior compensação que podia esperar de todos os seus sacrifícios. Afirma, por entre grandes aplausos, que a data de hoje é a data suprema da história de Espanha. As aclamações redobram quando diz que o govêrno se apresenta com as mãos limpas de sangue e de ambição, com mãos limpas, mas não vazias. *O seu discurso, vivo, eloqüente, fácil, enternece, faz vibrar por fim uma tempestade de aplausos, quando anuncia que o Exército vai desfilar diante do edifício do Parlamento para afirmar a sua submissão ao poder civil. Todos se erguem em palmas e vivas*, e até Ramon Franco não resiste, apesar do seu estado de saúde, e está de pé. O presidente suspende as sessões para que os deputados assistam aos desfiles e todos saem em tumulto, juntando as suas manifestações às que o povo faz lá fora na rua. Mas, de facto, esta primeira sessão das Constituintes finda num clamor de apoteose, que é a consagração da maior era nova. *Militares e civis, unidos, sagram os novos, luminosos destinos da Espanha e o Exército assegura o futuro da Democracia, submetendo-se ao único poder que a vontade da Nação tornou legítimo».*

Câmara Municipal

Sessão de 8 de Julho

Lida e aprovada a acta da sessão anterior.

Ofícios:

Do Chefe da Repartição de Finanças do concelho, pedindo a nomeação dum membro por parte da Câmara para a Comissão de Avaliação de propriedade rústica, nos termos do Decreto.

— Da Comissão Administrativa da Junta de Gandarela.

— Da Comissão Administrativa da J. de Freguesia de Caldelas informando da urgência das obras a fazer no cemitério da freguesia.

— Da Direcção da Associação de Classe dos Empregados do Comércio de Guimarães, protestando contra a resolução da Câmara permitir a abertura dos estabelecimentos ao Domingo em Vizela e Taipas.

— Do engenheiro chefe da Direcção de estradas do Distrito.

— Da Comissão administrativa da J. de Freguesia de Guardizela sobre a necessidade de se reparar o caminho mais importante que a atravessa.

Exposição:

Da Direcção do Internato Municipal, acompanhada da relação dos alunos que freqüentaram o mesmo.

Fôram aprovados diversos requerimentos e projectos de reparações e melhoramentos em caminhos das freguesias de Santa Eufêmia de Prazins, Pinheiro e Urgezes.

Deliberações:

Deliberou conceder o subsídio de 11.000$00 à Comissão promotora das Festas Gualterianas e 1.000$00 à Associação Comercial e Industrial, para prémios das feiras francas.

— Mandar pagar o subsídio de 5.000$000 à Misericórdia desta cidade.

— Pedir à Intendência Geral de Segurança Pública o fornecimento de mais dez guardas e de um sub-chefe.

— Abrir concurso em hasta pública para o fornecimento de transporte em automóveis para serviço da Câmara.

Tomou ainda outras deliberações.

— Autorisou pagamentos.

Comunicação:

O sr. Presidente comunicou ter sido a Câmara intimada a contestar no prazo de oito dias a reclamacão apresentada na Auditoria Administrativa do Porto pela firma Bernardino Jordão, Filhos & C.ª, contra as deliberações tomadas na sessão de 2 de Julho de 1930, em virtude do que deliberou encarregar o seu advogodo de fazer a devida contestação.

"A Velha Guarda,, é o jornal do Povo. Lêde-a e fazei-a circular.

Viva a República!!!

A Aliança Republicano-Socialista está de acôrdo com o espírito republicano moderno da época. Ela tem-no integralmente, como lema.

*

A A. R. S. satisfaz plenamente a necessidade política da Nação.

*

A A. R. S. é um aglomerado forte de energias novas e coordenadas, sociologicamente impostas ao conflito das modernas realidades políticas e económicas do País.

O décimo oitavo aniversário da morte do bombeiro voluntário Miguel José Peixoto

Passou no último domingo o 18.º aniversário do lutuoso e memorável incêndio que numa derrocada desmantelou o prédio da Rua Elias Garcia, em que um dos bombeiros mais distintos e estimados — sacudido violentamente — encontrou a morte, quando, de agulheta em punho, combatia envolvido por gases tóxicos.

Recordamos essa noite trágica, que sobressaltou em clamor de angústia a cidade inteira, e cuja memória por muito tempo conturbará o povo de Guimarães.

Neste último aniversário, celebraram-se com imponência, na Igreja da Misericórdia, demonstrações fúnebres e missa, que os companheiros e amigos mandaram em sua memória rezar. Foi celebrante o Rev.º Padre Alfredo Correia. Finda a missa seguiram, alguns amigos até ao terreno destinado exclusivamente a bombeiros voluntários, onde se encontra a campa do desventurado Miguel Peixoto, sendo dispostos muitos ramos de flores. Foi uma comemoração singela e modestíssima, mas verdadeiramente simpática, comovente e significativa da estima de todos por aquêle infeliz camarada, cuja memória se ficará perpectuando como prova de respeito e saüdade por êsse mártir do dever.

Sôbre os gritos dos que caíram, acima dos que ainda lutaram, triunfou a conjunção harmónica da heroicidade humana! os que morreram ganharam, com um acto de heroismo, o direito ao repouso perpétuo!

*

Ainda cai sôbre o seu cadáver as lágrimas da família a desolada; a viuva parece uma sombra de si própria.

Dir-se-há uma velha enferma sem posses para a sua sustentação, vivendo com uns nètinhos numa pobre casa da Rua Egas Moniz, onde o silêncio é por vezes tão necessário à tristeza como o quarto de pão de farinha triga é preciso ao desejo das bôcas famintas. Na verdade, é para lastimar que, apesar da Humanitária corporação não lhe ter faltado com a remuneração pecuniária dos *vinte escudos* e a Câmara com *dezoito escudos* mensais, não tenham acudido à pobre mãe subsidiando-a com a pensão necessária para sustentação sua e da família, a que tem inquestionável direito.

Como remate e nisto vai o maior elogio às bondades e qualidades filantropias, dos nossos briosos bombeiros — diremos que se interessem por esta infeliz viuva no sentido de minorar a sua crise angustiosa e que, no mesmo intento, se dirijam à Câmara, pedindo lhe o seu apoio neste sentido. Não ficará insensível perante êste justíssimo pedido, que representa o amparo de uma família exemplaríssima. Nós, também nos associamos.

A. F.

Viriato de Almeida

Este nosso dedicado amigo e muito distinto Inspector da Região Escolar de Braga, esteve nesta cidade, em serviço da referida Inspecção. Muitos dos amigos de sua ex.ª, tendo conhecimento da sua estada aqui, procuraram-no afim de o cumprimentar.

Cidadãos

Recenseai-vos pela «A. R. S.» que é a garantia absoluta do vosso futuro cívico.

Dor Suprema

(No passamento do venerando Pai de Camilo de Oliveira).

E' num quarto, onde o sol da tarde, a escaldar,
Entra, veladamente, em risos de beleza...
Cá fora há um rumor de sangue a latejar
No forte coração da grande natureza...

Silêncio... Mais baixinho... Olhai que triste par:
— No seu leito êle doente espera com firmeza
O momento final. A um canto, no espaldar,
A santa companheira espreita-o com tristeza.

O vèlhinho olha o sol. O sol tam lindo! lindo!
E vem-lhe então à alma aquele amor infindo
Do grande amor à vida. Estende a sêca mão

E chama a sua mulher, a sua mulherzinha,
Prende-a bem junto a si e, numa voz fraquinha,
Suplica-lhe a tremer: — tu não me deixes, não!...

DELFIM DE VIMARANES.

Notas da Imprensa

«Alvorada»: — é um novo e brilhante semanário que se publica em Lisboa sob a brilhante e proficua direcção do nosso talentoso amigo e indefectivel Republicano, sr. Miguel de Abreu. O jornal — que tem por editor o sr. Mário de Mesquita, nome que nos é bastante familiar — veio preencher uma lacuna no jornalismo Liberal-Republicano de Portugal. Era uma falta que há muito se fazia sentir; porque «Alvorada» é — além da sua terna evocação — um caudilho em que não mingua um formoso conjunto de belas características.

Colaboração vasta e brilhante. Colaboradores de primeira grandeza na mentalidade Portuguesa.

Com os nossos sinceros parabens ao sr. Miguel de Abreu, agradecemos a visita e vamos permutar.

«A Mulher e o Lar»: — é um quinzenário da vida feminina que também se iniciou em Lisboa sob a direcção da Sr.ª D. Leonilde Quaresma. Publica-se nos dias 10 e 25 de cada mês. Destina-se sobretudo a acompanhar a evolução (até das modas que não despreza) do feminismo. Muito boa colaboração e aspecto gráfico — recheado de belas gravuras a cores — excelente.

«A Mulher e o Lar» tem assegurado um grande triunfo. Agradecemos a visita e vamos permutar.

«A Voz do Minho»: — é um brilhante camarada que pugna pelas ideias Republicanas em Arcos de Valdevez. Em o seu número de 25 do mês findo, transcreveu em editoral o artigo do nosso assíduo colaborador, sr. H. Belém — intitulado: ***«Cerrar fileiras.» «A Aliança Republicana e a alma de Portugal».***

Agradecidos.

V. Ex.ª

só encontra um bom sortido de MEIAS em todas as qualidades, camisas, popelines, gravatas, chapéus, sombrinhas, luvas, malinhas, bordados e rendas, artigos de bordar, calçado de verão, na CAMISARIA MARTINS, a CASA DAS MEIAS.

Gralhas

Entre muitas e muitas outras — cujo efeito pernicioso não tem conseguido afectar a bôa saúde espiritual do leitor — saíu, no último número, uma deveras atentória. Foi na epígrafe do artigo do nosso ilustre colaborador, sr. Edmundo de Oliveira que ela saíu. Ora a epígrafe é: *O exercício dum apostolado*; e não *O exército*... etc.

Que o nosso ilustre colaborador nos perdoi.

Parada dos Bombeiros

Abriu esta estância de diversão sob uma nova empreza. Do facto, resultam possivelmente os melhoramentos que ali distinguimos. E' — sem dúvida alguma — um lugar com certo asseio, onde todos podem passar umas horas aprazíveis. Folgamos que tais melhoramentos se fizessem no local que — fadado, a influência por vezes horrível da atmosfera, para este fim — vinha servindo de batatal ou não sei quê e a não sei quem. A Empreza é credora da atenção e boa vontade de todos os vimaranenses. Tem a Parada dos Bombeiros uma secção para patinagem, escola de tiro, bufet e outras comodidades indispensàveis ao bem estar dos que ali vão. Guimarães precisava disto. Depois, a continuar dêste modo, parece-nos que a Empreza está no firme propósito de acertar na escolha dos films. A semana passada pertenceu à «UFA». Três programas excelentes, completos com interessantes farças cómicas. E, dá um certo prestígio a estas sessões, uma harmoniosa orquestra, dirigida pelo nosso amigo António Guise, violinista que promete ir longe.

Oxalá que os vimaranenses auxiliem, como é absolutamente justo, o empreendimento... e não suceda — como é costume — deixar-se perecer aquilo que a Guimarães dá realmente um certo realce.

O programa de hoje e o de amanhã, seguem pela sua ordem. Depois informaremos os leitores.

Programa para hoje:

I — Leiria — Documentário Port. 1 parte; II — Jornal Central 226 1 parte; III — Carmen de St. Pauli — Drama 7 partes; IV — Fome de Canuto — Comica 2 partes.

Programa para amanhã:

I — Indústria de máquinas de escrever — Documentário 1 parte; II — Jornal Central 1 parte; III — Grande Salto — Drama 8 partes; IV — Não te cases — Cómica 2 partes.

A's boas donas de casa

Recomendamos a grande liquidação que está fazendo a CASA DAS LOUÇAS. Liquidação completa das louças de esmalte, alumínio e porcelana e de muitos outros artigos.

Grandes abatimentos. Preços baratos, na CASA DAS MEIAS, junto à CAMISARIA MARTINS.

Alfaiate

Oferece-se aos dias em casa particular.

Falar com António Martins Gonçalves — R. de Vila-Flor, 110 — Guimarães.